



Ébola. A melhor prevenção para o futuro é fazer com rigor e transparência o trabalho no presente.

Na sequência do pertinente e atempado alerta efectuado pelo Colégio de Saúde Pública da Ordem dos Médicos, intensificaram-se as medidas tomadas pela DGS para melhor preparar o país para o elevado risco de casos de Ébola. Muitas ainda estão em fase de implementação, sendo uma sorte não ter havido, até aqui, a importação de nenhum caso. Quem anda no terreno, como a Ordem dos Médicos, percebe o quanto ainda está por fazer, a todos os níveis, tanto a nível hospitalar como nos Cuidados de Saúde Primários.

Para os colégios de Saúde Pública, de Medicina Tropical e de Doenças Infecciosas da Ordem dos Médicos, com pareceres complementares e coerentes, o sistema de saúde português está agora um pouco mais “razoavelmente” preparado para fazer face à ameaça do Ébola. O risco de casos de Ébola é alto, como a própria Direcção Geral da Saúde anunciou, mas o risco de epidemia é baixo, dois conceitos completamente distintos e suplementares e que não devem ser confundidos.

Em parecer mais recente, já num outro contexto, o Colégio de Medicina Tropical da Ordem dos Médicos reforça o alerta e as preocupações, pois “o vírus Ébola pode chegar a Portugal de várias formas”.

“Para o primeiro dos cenários de entrada de um doente de Ébola em Portugal, quando este vem já com diagnóstico, mesmo que só de probabilidade, pode dizer-se que Portugal está razoavelmente bem preparado”.

“O problema maior é se a entrada for de um infectado em período de

incubação, que só adoeça e procure ajuda médica alguns dias depois, inclusive podendo dirigir-se a um qualquer serviço de saúde, público ou privado, preparado ou não para receber casos de Ebola, em qualquer ponto do País”.

Como refere o Colégio de Medicina Tropical, “se no papel Portugal está preparado, a realidade do terreno nem sempre mostra o mesmo.”. “Falta ainda algum equipamento de segurança, particularmente importante nos Serviços de Urgência de Lisboa e Porto. E falta treino, treino, e mais treino”.

O Colégio de Doenças Infecciosas, acentua que o risco de epidemia é baixo na Europa e em Portugal, tendo em conta o nível sanitário existente, e, numa perspectiva mais hospitalar, afirma que “o risco calculado implica contudo, a necessidade de todas as instituições e de todos os profissionais de saúde estarem informados, preparados e cumprirem as orientações sucessivamente actualizadas pela Direcção Geral de Saúde quanto aos procedimentos recomendados”.

Há ainda muito trabalho por fazer, quer em termos de preparação e treino, quer em termos de gestão do processo.

É bom recordar que o pânico se instalou nos Estados Unidos não devido aos alertas dos profissionais, mas sim em consequência de três casos de infecção secundária, que evidenciaram o nível de insuficiente preparação do país, ao contrário do afirmado pelas autoridades, obrigando a uma intervenção pública apaziguadora do Presidente Obama.